



B-200

VOZ *das* CINCO VILAS

Publicação mensal

AVENÇA

ANO VII N.º 70 DIRECTOR E PROPRIETÁRIO: ADRIANO SIMÕES SANTO. — REDACTORES: ACÍLIO E. ROCHA, CARLOS M. MENESES FALCÃO. — ADMINIST.: SERAFIM AFONSO, ARMÉNIO M. FERREIRA — Edição, Comp. e Imp.: Gráfica de Coimbra Redacção e Administração CHÃO DE COUCE (Tel. 32191—Avelar)

PERIÓDICO REGIONAL DE INFORMAÇÃO

LUTEMOS CONTRA O «ALCOOLISMO—MORTE»

BEBER vinho não é dar de comer a 1 milhão de portugueses, esse terrível e infeliz «slogan» de uma campanha levada a efeito há anos, para defender as vinhas do País.

É pena que, até entre pessoas que se julgam muito bem informadas, se pense ainda e erradamente que o vinho é que dá força, pois o leite é bebida para «meninas». Felizmente que os jovens cultos já vão pensando de modo bem diferente.

Há poucos dias realizaram-se umas jornadas de estudo sobre problemas de alcoolismo, promovidas em boa hora, pela Associação Católica dos Profissionais de Enfermagem e da Saúde.

Presidiu a Dr.ª Teresa Lobo, ilustre Subsecretária da Saúde e Assistência.

Com que mágoa, e porque também estamos ligados aos serviços de saúde, nós constatamos que eram verdadeiramente alarmantes, inquietantes mesmo, as revelações feitas então e que para nós não foram surpresa.

Portugal, pequenino em tantos aspectos positivos, em que poderia ser gigante, desde que os seus filhos quisessem, está em 2.º lugar, entre os países maiores consumidores de álcool do Mundo!!!

Que revelação tão desastrosa, para um país que quer, pode e tem de acelerar o passo, sob pena de perder a corrida!

A França é o 1.º. Que desgraça que os nossos amigos franceses, não tivessem querido escutar o grito de alerta de Pierre Mendès — France, o qual quando 1.º Ministro, se lançou entusiasticamente numa campanha intensa contra o terrível vício do alcoolismo.

Pois amigos, também os franceses o não escutaram e até teve como consequência a queda do seu governo. Imagine-se!

Mais tarde, hão-de vir a dar-lhe razão, talvez as próprias vítimas desse mal.

Ora, seria bom que nós portugueses acordássemos a tempo e retrocedéssemos, a ver se vínhamos ocupar o último lugar nesta triste competição de viciados.

Cerca de 500 mil portugueses, são alcoólicos. É uma estatística apavorante.

Porque é bom que se entenda, que alcoólico não é só o homem ou mulher que anda por aí a cair de bêbedo nas valetas. Não senhor.

Alcoólico é todo o indivíduo, que vive na dependência do álcool, seja ele vinho, conhaque, uisque, cerveja, etc., com qualquer graduação, e que a partir de determinado momento não é mais capaz de viver, sem beber.

O alcoolismo é entre nós um mal social, dos piores, pelas proporções que atinge!

Sabe-se que o alcoolismo é a 3.ª causa de morte em Portugal, sem contar com as lesões vasculares ou canceri-

(Continua na pág. 6)

«A Junta de Freguesia de Chão de Couce não descursa a sua missão em prol da promoção e desenvolvimento locais»

— disse-nos o Sr. Alberto Simões, falando ao nosso jornal



Iniciámos no ano transacto uma série de sondagens sobre os problemas locais aos principais responsáveis da vida das freguesias da região. Entendemos que trazer ao de cima, aos conhecimento público, os problemas e anseios das nossas terras, contribuirá para que as comunidades melhor os vivam e sintam e neles colaborem.

Em Janeiro referimo-nos a Pousaflores, em Agosto a Aguda, e agora é a vez de Chão de Couce.

Para o efeito, dirigimo-nos ao sr. Alberto Simões, Presidente da Junta de Freguesia de Chão de Couce, homem esclarecido e dinâmico que não se poupa a esforços no desempenho do seu cargo. Lá o encontramos na Recauchutagem

«Labor», do Pontão, de que é sócio, e ali mesmo amavelmente se dispôs a dar resposta a uma série de interrogações. E começou a entrevista:

— Há quanto tempo se encontra na presidência da Junta de Freguesia?

— Há um ano. Comigo colaboram os efectivos da Junta srs. Prof. Alberto Lopes Violante e Alfredo dos Santos e, sempre que solicitados, os suplentes Abílio Mendes da Silva, Mário Furtado dos Santos e Abílio Marques Afonso.

— Tem um plano de actividades a levar a efeito, dentro de curto prazo?

— Sim: temos um plano de actividades, muitas das quais não passam de aspirações. Cito os empreendimentos planeados que se me afiguram de mais próxima realização: projecto para ampliação do cemitério (encontrando-se já aprovado o terreno respectivo pelos serviços de Urbanização, pela Câmara Municipal e Delegação de Saúde). Este projecto é feito de modo a deixar uma rua espaçosa de acesso e a parte nova no prolongamento direcção poente do actual.

De acordo com a Câmara, está entregue ao respectivo engenheiro a elaboração do projecto da estrada da Cruz das Almas ao Cabecinho, havendo uma vaga hipótese de a ligar à Espinheira. A es-

trada de Bacelinhos irá ser reparada em breve com o auxílio da população e da Câmara que fornecerá a brita e o trabalho dos cantoneiros. (Continua na pág. 4)

Aniversário do Jornal

Mais um aniversário. Já o sexto. E continuaremos se Deus quiser e se os homens nos ajudarem.

Continuaremos porque a obra é necessária e o ideal é nobre. Levar ao perto e ao longe uma palavra a recordar a terra-mãe, a unir à sua volta os filhos dispersos, e a difundir com insistência e amor princípios sublimes para a construção dum mundo melhor é empresa por que vale a pena lutar. E é por isso que cá estamos e que vamos continuar, embora tal nos obrigue a preocupações maiores e nos amarre à mesa de trabalho a horas e a desoras.

Cada número de «Voz das Cinco Vilas» é feito a pensar nos outros, nos conterrâneos presentes e ausentes. O nosso jornal é assim uma obra de amor.

Mais um ano. Que todos os leitores e assinantes nos compreendam e acompanhem. Que estejam conosco. Nós estaremos também com eles.

ANO NOVO

— PESSIMISMO OU ESPERANÇA?

Criança é símbolo de Esperança! Ao encararmos as perspectivas do novo ano apetece-nos olhá-lo exactamente sob o signo da Esperança e do Optimismo! Tal ideal concretizar-lhe-á se o homem de hoje responder «SIM» à maravilhosa mensagem de Cristo.



A Paz é a condição e a síntese da convivência humana...

A Paz é possível, se for verdadeiramente querida...

Ó homens fortes e conscientes que tendes o poder e o dever de construir e defender a paz; ó vós, guias e mestres dos povos... procurai alicerçar e construir na verdade, na justiça, na caridade e na liberdade, a paz para os séculos vindouros a começar já do ano 1973...

Mensagem de Paulo VI

AVELAR

Pelo Colégio Infante de Sagres

No último dia de actividades do primeiro período, procedeu-se à entrega de dois enxovais completos, incluindo berços, a duas mães necessitadas que esperavam bebé, e várias outras peças avulso confeccionadas pelas alunas. Fez a entrega o nosso Director, Dr. Jorge Condorcet.

Natal e Ano Novo

Foram muitas as pessoas que nesta quadra estiveram entre nós reunindo-se aos seus familiares e amigos. A noite de passagem de ano foi particularmente festejada na Pensão Larsol e na sede da Filarmonia.

As senhoras da Conferência de S. Vicente de Paulo redobram de actividade e puderam ser portadoras de lembranças para famílias de menos recursos económicos. Para que isso fosse possível, muito contribuíram as várias fábricas e armazéns e outros amigos de ajudar quem precisa. Em nome dos beneficiados, que foram muitas dezenas, o nosso muito obrigado.

Novos Cristãos

Foram baptizados ultimamente na nossa igreja:

— Anabela de Carvalho Santos, filha de Fernando Jesus Lopes dos Santos e de Lucília Godinho de Carvalho Santos; foram padrinhos Rogério Si-

mões Marques e Maria Lúcia Abreu de Figueiredo Medeiros, estudantes na Escola de Regentes Agrícolas e na Faculdade de Letras de Coimbra, respectivamente;

— José Alfredo Freire Fernandes, filho de Armando Gomes Fernandes e de Maria da Anunciação Freire, do Casal de Santo António; foram padrinhos Alfredo Brás Medeiros e Silvina Curado Fernandes;

— José Amílcar dos Santos Almeida, filho de José Brito de Almeida e de Maria Alice dos Santos Mendes, da Rapoula; foram padrinhos Afonso Rodrigues da Silva e Cecília de Jesus Freire da Silva;

— Na capela de Santo Amaro na Rascoia: Rui Francisco da Silva Paiva de Carvalho, filho do Dr. José Humberto Santos Paiva de Carvalho, Assistente da Faculdade de Medicina de Coimbra, e de D. Maria Luísa Serra da Silva Paiva de Carvalho; foram padrinhos Rui Pedro Santos Paiva de Carvalho e Maria Teresa Serra da Silva.

A todos os nossos desejos de felicidades.

Falecimento

Na sua residência, na Rua das Flores e após longo sofrimento de alguns anos, faleceu Ana das Neves, de 72 anos, casada com Alfredo Fernandes. Os nossos sentimentos à família enlutada e uma prece por sua alma.

pais António dos Santos Coelho e Leontina da Conceição Silva.

Foram padrinhos Acácio da Conceição Silva e Irene Rosa Angelo.

Parabéns e que os pais saibam cumprir bem os seus deveres de educadores.

Novos Lares

No dia 24 de Dezembro receberam o sacramento do Matrimónio José Teixeira Afonso e Maria Ricardina da Conceição Fonseca. O noivo é natural da freguesia de Pousaflores e filho de Manuel Marques Afonso e Silvina Brás Teixeira. A noiva é filha de Benjamim Fonseca e Clotilde da Conceição, residentes no Olival.

Foram padrinhos António Simões e Alberto António Coimbra.

— Ainda na igreja paroquial e no dia 31 de Dezembro, uniram-se em Matrimónio António Rocha e Maria Isabel Rosa Ferreira. O António Rocha é filho de João Rocha e Maria Clotilde Félix, da Cumieira. A Maria Isabel reside no Bairro e é filha de Joaquim Ferreira e Ormezinda Freitas Rosa.

Foram padrinhos Adriano da Conceição Silva e João Ferreira.

Que o Senhor cubra de bênçãos os seus lares.

Nas mãos de Deus

Entregaram a sua alma a Deus:

— Francisco Fonseca, do Olival. Deixa viúva Adelina da Conceição. Foi vítima de um acidente de viação, vindo a falecer na Clínica de Alvaiázere.

— António Assunção, dos Moninhos Fundeiros. Contava 90 anos de idade.

— O menino Victor Augusto Rodrigues Silveiro, filho de Jaime Silveiro e Laurinda Alexandre Rodrigues, de Almofala de Cima.

— Emília Caetano, do Cercal. Contava 87 anos e foi sepultada no dia de Natal.

Paz às suas almas.

ACTIVIDADES DOS JOVENS

Distribuição aos pobres

Um grupo de jovens de Aguda levou a cabo a iniciativa da Arca do Natal em favor das famílias mais necessitadas da freguesia.

A porta da igreja foram recolhidas as dádivas de quantos quiseram associar-se.

No primeiro dia do ano foi feita a distribuição de roupas e géneros a cerca de três dezenas de famílias. Foi uma iniciativa a todos os títulos louvável.

Teatro

No dia de Ano Novo e a seguir à Missa teve lugar uma sessão de teatro, levada a efeito no salão paroquial.

O entusiasmo e arte dos jovens contribuíram para o êxito desta iniciativa.

Todos quantos tiveram a oportunidade de assistir, puderam viver uns bons momentos de alegria.

Participaram como intérpretes: Maria Irene da Silva Rosa, José Emídio Godinho, Maria Ségria Freire, Maria Gracinda de Medeiros Jorge, Maria Isilda Jorge, Maria José Teixeira Otilina Rego, Raul

POUSAFLORES

Curso de Formação Familiar

FESTA DE NATAL — No dia 22, as participantes neste curso realizaram para todos os familiares uma festa de Natal.

Tendo como fulcro a Santa Missa às 20 horas, continuou-se com uma sessão recreativa e no fim um pequeno beberete para todos, preparado pelas participantes. Nesta festa pudemos observar que o curso, além da formação, da cultura que vem trazer, desperta em todos um sentido comunicativo muito maior, parecendo que as pessoas fazem parte duma mesma família.

FINAL DO CURSO — No dia 28 de Janeiro realizar-se-á a festa que encerrará o curso. Além da exposição de todos os trabalhos feitos, haverá Missa de Acção de Graças, uma parte recreativa, e no fim uma ceia para todos. A esta festa estarão presentes o sr. Bispo e assistentes da «Cáritas» Diocesana.

Festa do Seminário

Mais uma vez a nossa freguesia não esqueceu os Seminários — aqueles que precisam. No domingo, 31 de Dezembro, às 14h30, foi celebrada Missa por intenção de todos aqueles que nesta freguesia ajudaram os Seminários. Depois seguiu-se o leilão de ofertas no Salão Paroquial, intermeado pela participação recreativa da malta jovem. Os resultados obtidos foram bons, o que mostra que ainda sabemos o que é o Seminário.

Festa de N.ª S.ª das Neves

A comissão de 1972 apresentou as suas contas do ano passado, tendo-se verificado que o saldo positivo foi cerca de

Rumo ao Lar

Na Sé Catedral da Beira (Moçambique), contraíram matrimónio, recentemente, o sr. Joaquim da Silva Coelho de Faria, filho dos srs. Joaquim Coelho de Faria e de D. Elvira Augusta da Silva, de Lameiras (Chão de Cowce), com a menina Maria do Céu Santos, filha dos srs. José Maria dos Santos e D. Maria do Céu Santos, natural de Pampilhosa da Serra e residente na Beira.

O acto revestiu da maior solenidade, sendo no final servido um fino «copo de água» no Pavilhão Oceano, da Beira.

Felicitemos o novo lar, augurando-lhe as maiores venturas.

Teixeira Simões, Maria Fernanda Rocha, Albertina Fonseca, David Godinho, Luís Rijo, Maria Preciosa Teixeira, Maria Irene de Medeiros Jorge e João Dias.

Fez de Menino Jesus o estimado filhinho de José Luís Graça Quaresma e Gracinda Silveiro Álvaro, do Martingado.

Colaboração de Fernando Duarte Jorge e apresentação de António José Pais.

Parabéns.

23 contos. Ao mesmo tempo, lembrou o desejo que já reina em todos para que a festa deste ano seja ainda melhor, mas que para isso terá que ter a participação de todos.

Agradeceu ainda a maneira como todos colaboraram na festa do ano que passou, não esquecendo os que longe da terra souberam corresponder com a sua ajuda.

Novos Membros da Igreja

BAPTISMOS — Maria da Conceição Barros Felicidade, filha de Virgílio Maria Felicidade e de Hermínia Barros, residentes em Lisboa. Foram padrinhos António José Primo, residente na referida cidade de Lisboa, e Maria Benilde da Luz Barros, da vila de Avelar.

— Luís Filipe Simões, filho de Mário Simões e de Izilda Simões, do lugar da Bairrada. Foi padrinho o avô materno, José Simões, e madrinha Maria Aida do Céu Simões, do lugar da Charneca de Pessegueiro.

— Susana Maria Lopes, filha de Izidro dos Santos Lopes e de Almerinda Simões Lopes, do lugar de Albarrol. Foram padrinhos Saul Anastácio e sua esposa Piedade de Jesus Lopes, residentes em Cascais.

— Mário Rui das Neves Neto, filho de Mário Jesus Neto e de Ilda das Neves Neto, do lugar de Pereiro de Baixo. Foram padrinhos Américo Neves Marques e sua esposa Alzira Jesus Neto, do referido lugar de Pereiro de Baixo.

— Fernanda Marques Dias, filha de José Fernandes Dias e de Benilde Marques Maria, do lugar da Portela de S. Caetano. Foram padrinhos Diamantino Dias dos Santos e sua esposa Maria de Lurdes Jesus Santos, residentes em Lisboa.

DO PESSEGUEIRO

Electricidade

Embora com atraso de alguns meses sobre a data prevista inicialmente, chegou, enfim, a electricidade! O acontecimento foi festejado com libações abundantes, o estrelajar de foguetes, que se fez ouvir em duas noites consecutivas, e, para além da luz, que dá a nota de alegria, já se está a tirar dela partido para aquecimento, funcionamento de rádios e televisões, força motriz, etc.. Foi este, na verdade, para nós, um grande acontecimento, que fica a assinalar a gerência do sr. Américo Gaspar, como Presidente da Câmara. Felicitando-o, aqui lhe patenteamos todo o nosso reconhecimento, no qual, porque de justiça, nos apraz envolver o seu antecessor, sr. Prof. Elísio Mendes de Oliveira, que durante a sua gerência deu os primeiros passos, e deixou as coisas já encaminhadas em ordem à concretização deste objectivo. Parabéns pois ao povo do Pessegueiro e lugares vizinhos, e bem hajam o actual Presidente da Câmara e seu antecessor, pelo zelo com que serviram os interesses destes povos! — C.

AGUDA

Novos cristãos

Receberam o sacramento do Baptismo, na igreja paroquial, dando assim entrada na comunidade cristã, as seguintes crianças:

— Paulo Manuel dos Santos David, filho de Manuel Nazaré David e Lucília dos Santos Simões, residentes na Coelheira. Foram padrinhos Augusto Martins Simões Ladeira e Áurea da Conceição Simões.

— Anabela, filha de João Agostinho Caetano e Maria da Conceição Silveiro, residentes nos Moninhos Cimeiros. Joaquim Magalhães Duarte e Alice da Conceição Silveiro foram os padrinhos.

— Jorge Simões Jorge, do Salgueiro da Lomba. São seus pais João Augusto Matias Jorge e Maria dos Anjos Marques Simões.

Os padrinhos foram Henrique Marques Simões e Maria Salette Garcia Flores Simões.

— Luís Miguel de Jesus Estanqueiro, filho de Manuel da Conceição Estanqueiro e Alice de Jesus Estanqueiro, residentes em Almofala de Cima.

Foram padrinhos, por procuração, António Augusto Simões e Gracinda de Jesus Estanqueiro Simões, residentes em Joanesburgo.

— Rui Manuel Borges Ferreira, do Martingago. São seus pais Fernando da Conceição

Ferreira e Gracinda Estanqueiro Borges. Avelino António Rosa e sua esposa Maria Augusta da Conceição Mendes foram os padrinhos.

— Paulo Jorge Maneira Simões, filho de Fernando Dias Simões e de Ilda Freire Maneira. Foram seus padrinhos Acácio Freire Maneira e Deolinda Gomes Bairrada.

— Paulo Manuel da Conceição Silva, filho de Luciano da Silva Fernandes e Maria Adélia da Conceição Assunção.

Foram padrinhos, Manuel da Silva Fernandes e Adelaide da Conceição Assunção.

— Margarida Maria da Conceição Rodrigues, filha de Eduardo Alexandre Rodrigues e Gracinda da Conceição Silva Rodrigues. Augusto Rodrigues e Maria Celeste da Conceição Silva foram os padrinhos.

— Rosa Cristina Coelho dos Santos, filha de Juvenal Mendes dos Santos e Lucília Maria Coelho dos Santos. Foram padrinhos Fernando da Conceição Mendes e Adelaide Maria Mendes.

— José Manuel Antunes Rodrigues, filho de João Rodrigues e Edite Antunes Jorge, do Casal Velho. Foram padrinhos João Vaz Simões e Deolinda Antunes Jorge.

— Anabela da Conceição Santos, da Coelheira. São seus

RETALHOS DE VIDA

É grande a alegria que experimento quando tenho ensejo de passar por Chão de Couce. Não são tantas vezes como eu desejo nem quantas alguém tem direito a esperar! O encontro com familiares, a convivência com tantas pessoas amigas, a lição dos homens simples, o saborear gratas recordações, a calma da aldeia — tão decantada pelos poetas e tão apreciada pelo homem cidadão de hoje, incapaz de controlar o ritmo vertiginoso, barulhento e poluído dos grandes centros urbanos —, são frutos apetecidos que nem sempre nos é dado saborear.

A visita ao nosso Padre Adriano traz-me sempre uma interpelação. Quantas vezes ele me falou de uma colaboração assídua na «VOZ DAS CINCO VILAS»!!! Chegou agora o momento de uma decisão comprometida. Se nada houver em contrário, as páginas do nosso querido e artístico jornal serão, mensalmente, ponto de encontro para diálogo. Um diálogo simples, desprezioso, enriquecedor. Um diálogo de palavras, de gestos, de atitudes, talvez de silêncios. Um diálogo a surgir espontâneo da vida das pessoas e que, ao mesmo tempo, seja empenhamento comum para uma vida mais humana e fraterna.

NATAL OU BLASFÊMIA?

Passaram já os dias do Natal. As crianças recordam ainda com emoção e ansiedade da espera do Menino Jesus, portador de tantas prendas e (quem sabe?) de tamanhas desilusões. No Natal todos nos sentimos crianças.

Este ano passei a festa de Natal com a minha Fraternidade dos Capuchinhos do Porto. Com espírito de criança abeirolei-me do presépio. Para aprender a lição permanente de um Deus que se faz um de nós. Mas aquele presépio, habilmente idealizado e construído pelos nossos rapazes estudantes, não se apresentava assim tão enternecedor e melifluo como de costume. Sem neve nem água nem azinhas. Sem ovelhas nem cordeirinhos nem pastores. Sem casinhas nem luzinhas nem estradinhas. O presépio não era uma distração (os mais entendidos leiam: alienação!) Havia uma procura do essencial. Apenas a recordação do primeiro presépio: O Menino Jesus, de barro. E o presépio dos nossos dias: Um dístico de letras garrafas a dizer — em palavra e em imagem —:

«A HUMANIDADE ANSEIA POR:
PÃO — CASA — ASSISTÊNCIA — ESCOLA — JUSTIÇA — PAZ — FÉ — AMOR».

E, em destaque, o grito insistente da humanidade que continua à espera da libertação, embora o Libertador se tenha manifestado há milhares de anos: «VEM, SENHOR JESUS!»

Este é o facto, a vida. Tu e eu temos caminhos diferentes para procurar aqui, neste presépio, a nossa relação vital com o primeiro presépio e com o presépio dos nossos dias, sempre repetição-vivência do primeiro e único presépio.

Entretanto, quero deixar aqui alguns pontos de reflexão, como rescaldo deste Natal de 1972.

- Pode ser blasfemo recebermos na Eucaristia o Pão da Vida e permitirmos que de cada 4 pessoas, 3 passem fome.
- Pode ser blasfemo construirmos capelas, igrejas e santuários para o Senhor, que não cabe nem se deixa atar a nenhum lugar, enquanto multidões de irmãos nossos não têm casa, nem sequer uma barraca, nem dinheiro para pagar a renda, vivendo em condições infra-humanas.
- Pode ser blasfemo andarmos tão preocupados em mantermos obras apenas para «glória de Deus e louvor dos santinhos», enquanto os homens não têm garantida uma assistência desde o seu nascimento até à morte, sobretudo na sua velhice e invalidez.
- Pode ser blasfemo impingirmos tanta doutrina e dogmas e credos sobre o céu e o inferno e o purgatório e as almas e os santos e o outro mundo e não gritarmos porque as pessoas são privadas de acesso à escola, à educação, à cultura.
- Pode ser blasfemo proclamarmos o Reinado de Cristo, que é reinado de Justiça, de Igualdade, de Fraternidade, e preferirmos continuar a alimentar o reinado de Satanás, fomentando a injustiça, as desigualdades e discriminações e o ódio entre as pessoas e entre os povos.
- Pode ser blasfemo cantarmos com grande entusiasmo o glória a Deus nas alturas e não fazermos todo o possível para estabelecer a paz na terra, esquecendo que a glória de Deus é a felicidade do homem, é a paz entre os homens e entre as nações.
- Pode ser blasfemo recitarmos o nosso Credo, professando (com os lábios) a nossa fé em Deus-Pai, em Deus-Filho nosso Irmão, em Deus-Espírito Santo presente em nosso íntimo e na Igreja, mas negando-nos logo a seguir a acreditar nos homens nossos irmãos, na sua grande capacidade de verdade, de bondade, de felicidade.
- Pode ser blasfemo afirmarmos que Deus é amor, que os filhos de Deus conhecem-se por se amarem uns aos outros como Cristo nos amou, mas negarmos — com a indiferença ou com o ódio — o nosso amor àqueles que vivem lado a lado conosco em casa, no campo, na fábrica, no liceu...

Este Natal — o meu Natal e o teu Natal — é uma realidade ou uma blasfêmia?

Não pode haver Natal se os homens — se tu e eu — não

Homenagem a Alfredo Dias Coelho

A homenagem que um grupo de avelarenses promoveu ao seu conterrâneo sr. Alfredo Dias Coelho constituiu uma justa consagração e afirmação de grata amizade ao dedicado bairrista e infatigável lutador pelo progresso da sua terra.

Para o efeito, mais de 200 pessoas se reuniram no vasto salão Gimno-Desportivo, anexo ao Externato Infante de Sagres, e ali participaram num repasto servido por uma casa de Coimbra.

Presentes o sr. Governador Civil de Leiria, Dr. José Damasceno Campos, alguns deputados, presidentes das Câmaras de Ansião, Alvaiázere, Pombal, Figueiró dos Vinhos, Castanheira de Pera, Dr. Guilherme Braz Medeiros, etc.

Iniciou os brindes o sr. Dr. Jorge Condorcet Pais Mamede, director do Externato de Avelar, que, após ter aludido ao sentido da homenagem, referiu vária correspondência e telegramas recebidos, entre os quais um do sr. Conselheiro Dr. Furtado dos Santos, Procurador Geral da República, e outro dum filho do homenageado, Luís Miguel, ausente como militar no Ultramar.

Seguiram-se no uso da palavra os srs. Dr. Manuel Medeiros, como director clínico do Hospital, Dr. Braz Medeiros, Celso Figueiredo, Américo Gaspar (presidente da Câmara de Ansião), os quais salientaram o espírito dinâmico e bairrista de Alfredo Coelho como importante obreiro da obra do Hospital, abastecimento de águas, esgotos, Colégio e Jardim Infantil, além doutros empreendimentos.

Família em festa

No passado dia 27, comemorou festivamente as suas bodas de prata matrimoniais o distinto casal Dr. Artur dos Reis Torgal, professor do ensino liceal, e D. Maria Carolina Coelho Ribeiro, residentes em Coimbra e agora com casa (novo e elegante edifício) na Pedra do Ouro (Chão de Couce).

Na capela de S. Jorge, deste lugar, onde há 25 anos haviam celebrado o seu casamento, houve missa de acção de graças e cerimónias apropriadas à festiva comemoração. Numerosos convidados, bastantes vindos de Coimbra, compartilharam da alegria deste casal unido e cristão que, agora na sua nova casa, festejava a jubilosa data e também a formatura de sua filha, na Faculdade de Medicina e a conclusão do Curso de Engenharia de seu filho.

Uma comemoração do maior significado sobretudo pelo exemplo dum lar cuja vida matrimonial tem sido vivida em testemunho de trabalho, de amor, de dignidade e de fé.

Daqui lhe renovamos as nossas felicitações, fazendo votos por que em alegria celebre as Bodas de Ouro.

nascemos para a Vida, para a Fraternidade, para a Paz, para a Justiça!

Não pode haver nascimento de Deus aonde se continue a esmagar e a matar o homem!

Deus nasce para o homem sempre que o homem nasce para o seu irmão.

ACÍLIO MENDES

O sr. Governador Civil ergueu-se depois, começando por afirmar: «evocar o progresso da Avelar é evocar a grande personalidade do Dr. Braz Medeiros que tem conseguido abrir as portas de Lisboa para a consecução de muitos anseios legítimos desta região. Por isso, justo é associar a esta homenagem o distinto avelarense Dr. Braz Medeiros». Referiu, depois, a justiça desta homenagem a Alfredo Coelho, homem dinâmico, incansável na sua actividade em prol do bem comum, tantas vezes com prejuízo da sua própria vida particular.

Registamos das suas palavras: «nos tempos que correm em que o egoísmo é apanágio dos homens, em que tantos se libertam do trabalho em prol da comunidade a que pertencem, aparecerem homens da estirpe de Alfredo Coelho é motivo de não pequeno júbilo. Por isso, é de apontar ao Distrito o homem hoje homenageado».

Terminou aludindo a sua esposa, D. Benilde Coelho, como justa participante desta homenagem, já que na múltipla actividade referida, ela

NOVA DOUTORA



Concluiu a sua formatura na Faculdade de Medicina de Coimbra, com a elevada classificação de 18 valores, a sr.^a Dr.^a Maria Isabel Ribeiro dos Reis Torgal, filha estremenha do sr. Dr. Artur dos Reis Torgal e da sr.^a D. Maria Carolina Coelho Ribeiro. A distinta doutora, ligada à nossa região por laços de família, pois sua mãe é natural da Pedra do Ouro (Chão de Couce), apresentamos as nossas felicitações, augurando-lhe auspicioso futuro.

FINANÇAS

Da Repartição de Finanças de Ansião recebemos um edital no qual se indica que em todos os dias úteis do mês de Janeiro se encontram à cobrança as seguintes contribuições e impostos: — Industrial — Grupo B de 1972, predial de 1972, imposto sobre sucessões e doações de 1973.

era a grande sacrificada pelo tempo roubado ao lar.

No decorrer da sessão, foram entregues ao homenageado várias ofertas em nome do povo de Avelar, do Hospital e do Colégio.

A encerrar, usou da palavra o sr. Alfredo Coelho que, com emoção, falou sobre o fervor bairrista com que havia sempre trabalhado e continuaria a trabalhar pelo progresso de Avelar e sua Região, agradecendo esta prova de amizade dos seus amigos.

Foi, sem dúvida, uma justa e bem sentida manifestação a Alfredo Dias Coelho, o qual — como referiu o Dr. Braz Medeiros — «a partir de agora irá considerar-se menos só».

Padre Acílio Mendes

Este nosso distinto conterrâneo e colaborador natural de Barroca (Chão de Couce), foi nomeado Director do «Movimento para um Mundo Melhor» no nosso País.

A sua experiência de dois anos em conferências e colóquios a intelectuais, estudantes, clero e religiosos e o seu curso realizado em Rocca di Papa, em Itália, dão-lhe especial competência para bom desempenho desta difícil missão.

Daqui o saudamos augurando-lhe as maiores felicidades.

CASA DO POVO DE ANCIÃO

Foi oficialmente criada a Casa do Povo de Ansião que abrange toda a população rural das 8 freguesias do concelho.

Assim se dá um primeiro passo para atingir os trabalhadores do campo com os benefícios da Previdência, além doutros.

Voz dos Militares no Ultramar



Mais uma vez o Alberto Lourenço, dos Pombais, veio até nós com a sua saudação amiga que torna extensiva a todos os familiares conterrâneos e amigos.

Obrigado e que Deus te ajude nessas longínquas terras.

«Voz das Cinco Vilas» aproveita a oportunidade para dizer aos nossos militares que aceita de bom grado as suas mensagens e as suas notícias.

CHÃO DE COUCE

CENTRO PAROQUIAL

Faz um ano no dia 30 de Janeiro que foi inaugurado o nosso Centro Paroquial. Vamos comemorar o acontecimento com um acto religioso e com uma sessão de teatro por um grupo de jovens da Vila do Espinhal que gentilmente se dispôs a vir até nós. Será na tarde do dia 28.

O Centro Paroquial que vem servindo à Catequese e a outras actividades da freguesia tem agora estatutos aprovados pela Subsecretária da Saúde e Assistência Dr.^a D. Maria Teresa Lobo, por despacho de 11 de Setembro último.

É agora instituição de formação e assistência, com aprovação oficial, apta a receber subsídios, e tem o nome de Centro de Bem-Estar Social. Passará a ser orientado pelo MAF (Movimento de Ajuda Fraterna — Cáritas) em organização na freguesia. Projectos e sonhos não faltam. O futuro dirá se conseguiremos passá-los à realidade.

DONATIVOS — Devem-se ainda algumas (poucas) dezenas de contos. No último mês vieram até nós, trazendo a sua ajuda amiga os srs. Américo Gaspar Fernandes — Venezuela — 1.000\$00; Américo de Deus — Montes — 100\$00; Família de Jorge Vila Real Ferreira — Beira — 500\$00. Bem-hajam.

Novos Cristãos

Tornaram-se cristãos pelo Sacramento do Baptismo:

— Ana Margarida, filha de Benedito Ferreira Sousa e de Maria Helena da Silva, de Ponte do Freixo. Padrinhos: Delfim Ferreira de Sousa e Délia Ferreira de Sousa.

— Lélia Maria, filha de Mário da Silva dos Anjos e de Maria Leonarda da Conceição Baptista dos Anjos, de Matinho. Padrinhos: Hermínio da Conceição Baptista e Benilde Telhada Baptista.

— Maria da Graça, filha de João Botas de Abreu e de Dilce Gaspar Mendes, de Relvas. Padrinhos: Diamantino Mendes e Lucília Lopes Mendes.

— Paulo Jorge e Maria de Fátima, filhos de Arlindo Simões Martins e de Gracinda de Jesus Ferreira, de Venda Nova. Padrinhos: José António Félix e Maria Adelaide Marques Ferreira Félix.

Auguramos-lhe as maiores bênçãos de Deus.

Nas Mãos de Deus

Faleceram:

Adelaide Joaquina (Freitas), do Furadouro, de 82 anos de idade e viúva de Augusto de Freitas;

— Maria José de Jesus, casada com Alberto Ferreira, dos Portelanos, de 88 anos de idade;

— Domingos dos Santos, de 40 anos de idade, viúvo de Josefa de Jesus, do Alqueidão. Faleceu no Caramulo e foi sepultado em Chão de Couce.

Dai-lhes, Senhor, o eterno descanso.

Curso de Adultos

Foi criado na sede da freguesia um curso nocturno para adultos em ordem ao exame de instrução primária. Está a ser frequentado por cerca de 40 homens e mulheres.

TEATRO em Chão de Couce no dia 28

O Grupo Cénico da Casa do Povo do Espinhal desloca-se a Chão de Couce, ao Centro Paroquial, onde apresentará um magnífico programa teatral, no próximo dia 28, às 16 horas.

Casado há um ano vítima de desastre



Havia casado há quase um ano, na Pedra do Ouro, em ambiente de muita alegria, presidindo seu tio sr. Padre Dr. António Freire. Foi em 13 de Fevereiro. Chamava-se Fernando Freire, era sua esposa Alice Simões da Cruz e tinha morada no Casal de Baixo (Chão de Couce). Era sargento do

Exército.

Na noite de 1 de Janeiro perseguiu-o a sombra negra da morte. Ao regressar, no seu carro, de casa de seu irmão António, cerca das 21,30 horas, por falta de luzes embateu num aqueduto no lugar de Ferrarias (Maças de D. Maria). O carro ficou num monte, o Fernando teve morte imediata e sua esposa e pais ficaram feridos.

Num momento o desmoronar de esperanças dum lar feliz que gozava das maiores simpatias.

O funeral foi sentida manifestação de pesar, estando presente muito povo e uma representação numerosa do Regimento de Tancos.

A família enlutada os nossos sentidos pêsames.

Caixas de Previdência

Os beneficiários das Caixas de Previdência, com Posto em Avelar, podem ser recebidos em Chão de Couce pelo novo médico daquela instituição sr. Dr. D. João Pais, aos sábados, das 14 às 16 horas.

Notícias Pessoais

Numerosos emigrantes dos países da Europa (França, Alemanha, Luxemburgo, etc.) tem estado entre nós em férias e fugidos ao frio que... cá reencontram...

— Vindo da África do Sul chegou o sr. Américo Mendes das Lameiras e, do Brasil, de visita aos manos Américo e Emídio, a também mana da-quele menina Maria Alice Medeiros.

— Está entre nós o sr. Alfredo dos Santos (Dias), da Amieira (Carrasco) e uma sua sobrinha filha de Augusto Dias.

Os nossos cumprimentos e votos de feliz estadia entre nós.

Entrevista com o sr. António Simões Presidente da Junta de Freguesia de Chão de Couce

(Continuado da 1.^a pág.)

Contamos que durante o ano em curso se faça a iluminação pública da Tojeira à Serrada da Mata, do Pontão à Espinheira, e da Ponte de Freixo a Cómoros de Cima e iluminação do lugar de Traz da Vinha. Quanto à estrada da Quinta de Baixo ao Lameirão, ao que sabemos, a Câmara está a envidar esforços para que seja compartilhada ainda no presente ano. Entre mãos está também a estrada da Pedra do Ouro até próximo do Carril.

— E obras a realizar a mais largo prazo?

— Electrificação dos lugares de Ameixieira, Ribeirinho, Lagoa, Casal Soeiro e Borda da Mata e estradas do Alqueidão e da Lagoa a Casal de S. Brás e abastecimento de águas às fontes públicas de Serrada da Mata.

— Quais as dificuldades que têm surgido à Junta?

— Claro que sobretudo a falta de verba — que, aliás, julgo ser problema de todas as autarquias congéneres. Sentimos que não se possa aproveitar a generosa e pronta colaboração oferecida pelo povo da freguesia, quando solicitada, em prol de quaisquer me-

lhoramentos. Estes, por vezes, não podem ser levados a cabo por falta de correspondente auxílio oficial. Entretanto, é de salientar que a Câmara Municipal de Ansião, sempre tem acolhido com a melhor compreensão e boa vontade os problemas apresentados por esta Junta, procurando dar-lhes convenientes soluções, dentro do possível. Como é natural, não nos damos por satisfeitos pelo pouco que ainda realizámos até esta data e pelo muito que há para realizar.

— Tem uma palavra especial a dizer aos habitantes da freguesia de Chão de Couce ou aos seus emigrantes?

— Direi que a Junta não descarta a missão que lhe incumbe em prol da promoção e desenvolvimento da nossa freguesia e está atenta a todos os seus problemas. Espera, dentro das suas possibilidades, trabalhar para um melhor bem-estar social como o exige a hora em que vivemos.

O principal estava dito. Restou-nos dizer um muito obrigado e fazer votos por que sejam um facto todos os projectos em curso.

VOZ das CINCO VILAS

PUBLICAÇÃO MENSAL
Redacção e Administração
CHÃO DE COUCE

Telefone 32191 (rede de Avelar)

Condições de Assinatura Anual:

| | |
|--|--------|
| Continente | 20\$00 |
| Ultramar Português e Estrangeiro | 30\$00 |
| Por avião | 60\$00 |
| (Pagamento Adiantado) | |

Assinantes Benfeitores

Com 250\$00 — Manuel Fernandes — Bungo — Angola.

Com 100\$00 — Raul Mendes Gaspar — Beira; Manuel Cancelinha — Beira; Fernando Lopes Freire — Venezuela; Francisco Melo — Venezuela; D. Almerinda de Jesus Oliveira Simões — Lisboa; José Estanqueiro Rocha — Chão de Couce; Alípio Rodrigues — Canadá; Manuel da Silva — Venezuela; Alberto da Silva — Santos.

Com 70\$00 — Fernando Lopes e Bernardino Afonso — Venezuela.

Com 50\$00 — José Maria de Freitas Alves — Avelar.

Outros Assinantes

Emídio Simões Mendes — Belém — Pará; Dr. João da Costa Quintela — Lisboa; Joaquim Marques — Caracas; Henrique Joaquina Mendes — Caracas (2 anos); Manuel José — Ramalha; Artur José — Ramalha; Alberto Simões Santo — Brasil; Ausinda Marques Ferreira — França; Maria Angelina Mendes — Comoros; Lucinda Marques — Montinhos; Cândida Maria Hermenegido — Lisboa; Acácio Simões — Rodésia; Ulisses Simões Estanqueiro — Tomar; Saul Duarte dos Santos — Amora; Carmindo do Sul Pereira — Chão de Couce; Albino Rodrigues — Caracas; Arlindo Pedro Simões — Rodésia; Aristides Pedro Simões — Rodésia; Adriano Dias dos Santos — Santos; Adriano da Conceição Gonçalves — Pereira; Augusto dos Santos — Brasil; José Henriques Marques — Nova Freixo; Jacinto Duarte — Alemanha; Manuel Marques — Brasil; Manuel Ferreira — Montinhos; José da Silva — Alqueidão; Alberto Lourenço — S.P.M.; António de Freitas — Dondo; Abílio Costa Soares — África do Sul; Américo de Deus — Luxemburgo; Diamantino Medeiros — Lobito; José Mendes — Venda; Carlos Alberto Mendes Pires — S.P.M.; Dr. José Dias Marta — Ansião; Luís Dias — P. Freixo; Franco Alberto e Rosa João — França; Abílio Caetano de Lima — S. Mouro; Eugénio da Silva — Sassoeros; Armando Gonçalves Fernandes — Almada; Augusto da Silva — Sassoeros; Alfredo Nascimento Costa — Quimbal; Artur Silva Matias — Lisboa; Augusto da Silva Pereira Alexandre — Gabela; Alberto Gaspar Jorge — Lisboa; Alberto Jorge — Pombais; Maria Helena da Conceição — Coimbra; João das Neves António — Lisboa; José Dias da Silva — Lisboa; Lino António das Neves — Lisboa; Maria Augusta da Conceição — Queluz; José Simões — Por-

telanos; Arménio Dias Mendes — S. Domingos de Rana; António Martins — Carcavelos; Fernando Rodrigues — Barroca; Rogério Branco de Sousa — S.P.M.; Dr. Mário Rosa — Fundão; Manuel Freire — Alqueidão; Américo Lopes — África do Sul; Adriano José Veríssimo — L. Marques; Emídio José Veríssimo — França; Adolfo Gonçalves Carneiro — S. Mata; Abílio Simões — Lagoa; José Marques da Silva — C. Soeiro; Adriano dos Santos — C. Soeiro; Manuel Mendes Tojo — Ribeirinho; Emídio da Silva — Amieira; Alberto Coimbra — Vale de Tábua; João Simões Vaz — Chão de Couce; José Teixeira Afonso — Olival; Manuel José Faustino — Cabecinho; Abílio Gonçalves — Furadouro; Alfredo dos Santos — Chão de Couce; D. Maria do Carmo Vale — Coimbra; Alberto A. Estanqueiro — Bacele; Acácio Simões Nunes — Furadouro; Carlos da Silva Ventura — Brasil; José dos Santos — Lobito; Joaquim Marques Ferreira — S. Mouro; José S. Ribeiro — M6; Alberto Jesus Forte — Moçambique; Virgílio Cerca — Ramalha; António Marques do Rego — Almofala de Cima; Mário Simões Luís — Maças de D. Maria.

As Nossas Contas

Terminou mais um ano de vida do nosso jornal. Cada ano que se vive é mais um esforço no campo económico para manter esta humilde folha. Em 1972 ascendeu a 37.574\$50 a despesa total com tipografia, gravuras e correios! Nada menos! Tudo tem subido assustadoramente. Entretanto, mesmo assim, foi possível chegar ao fim de mais um ano sem dívidas. Isso deve-se a bastantes assinantes benfeitores que nos têm acompanhado e ao aumento do número de assinantes.

Dizem-nos para subir o preço do jornal, dado o agravamento das despesas. Nós vamos tentar evitar essa medida, esperando que os assinantes espontaneamente se façam benfeitores.


Um novo ano começou. Conseguiremos sobreviver? Os assinantes o dirão.



Cantinho Infantil

Esta imagem, vem-nos das terras longínquas de Moçambique. São os filhinhos do nosso bom amigo sr. Adriano Marques e de sua Esposa D. Julieta Marques.

Desejamos-lhe as maiores bênçãos de Deus.



Franco Cabeleireiro

ARTE E BOM GOSTO
ao Serviço da Beleza Feminina

Filial: Vila do Espinhal, Abertos às 2.^{as} feiras
Telef. 32101 (Avelar)

SEIS DIAS NA TERRA SANTA

S. JOÃO D'ACRE — POR TERRAS DA SAMARIA PARA JERUSALÉM

Depois de uma visita à cidade de Haifa e aos célebres jardins persas, seguimos para S. João de Acre, a cidade antiga de «ACCO» situada num pequeno promontório à beira do Mediterrâneo, com as suas muralhas altas e sobranceiras ao mar. Foi noutros tempos o porto principal da Palestina.

É célebre na história dos Macabeus e no tempo das Cruzadas, como fortaleza e porto de guerra. Depois da queda de Jerusalém, esta cidadela torna-se a praça forte dos Cavaleiros de S. João, e é por isso que se chama S. João d'Acre; anteriormente chamava-se apenas Acr ou ACCO ou ainda, no tempo dos Gregos, PTOLEMAIDA. Visitamos a cidadela dos Cruzados, com o seu mercado muito abastecido e muito pouco limpo, com um cheiro pouco agradável, cafés frequentados por beduínos, muitos dos quais sentados às portas a sugar sofregamente o ópio perfumado, que corria por cachimbos ligados a reservatórios por uma mangueira. Tivemos pena daqueles homens, estampas perfeitas de indolência e de vício.

Visitámos uma das indústrias características daquela terra: trabalhos em bronze martelado. Comprámos algumas recordações e despedimo-nos daquele lugar onde o valente Judas Macabeu foi assassinado por Trifon.

Tomando o caminho de regresso a Nazaré, visitámos, a poucos quilómetros uma oficina de lapidação de diamantes. O negócio dos diamantes é a segunda fonte de receita do estado de Israel. A primeira é a laranja.



Na manhã do terceiro dia despedimo-nos da terra de Nossa Senhora e seguimos para Jerusalém. Durante a viagem fomos meditando as páginas da Sagrada Escritura que nararam acontecimentos desenrolados ao longo daqueles vales e montes. Atravessando as planícies de Esdreon chegámos à Samaria onde nos detivemos um pouco em Sebástia, admirando as ruínas da antiga cidade de

Samaria que foi capital do reino de Israel, em que sobressai o antigo palácio, ainda com algumas colunas de pé.

Mais alguns quilómetros andados e fizemos nova paragem na antiga cidade de SIQUEM, cenário de muitos acontecimentos bíblicos desde Abraão até Cristo.

Hoje é uma pequena povoação mesmo à beirinha da cidade de NABLUS. É em Siquem que se encontra o Poço de Jacob, testemunha do encontro de Cristo com a samaritana. Gostámos imenso desta visita. Recordámos que foi ali que Abraão acampou quando chegou à Terra Prometida e construiu a sua tenda.

De norte a sul as montanhas sagradas de Garzim e Hebal. Ali Jacob mandou abrir um poço e foi também ali perto que José quis ser sepultado.

Altas muralhas de uma igreja que ficou por acabar, devido à primeira grande guerra, guardam o precioso poço que tem 36 metros de profundidade, que vem terminar com um bordo rectangular onde Cristo, se sentou naquela tarde de calor, enquanto os discípulos foram à cidade comprar alimentos.

Curvamo-nos na boca do poço, meditámos uma das mais belas páginas do Evangelho ali vivida: O Dom de Deus, a Água Viva de que Cristo falara à samaritana e que havia de ser caminho para a sua conversão.

Podemos dizer que a história patriarcal nasceu ali. Os sonhos de José, filho de Jacob, a inveja dos irmãos as pastagens de Dotain onde José foi vendido pelos seus irmãos aos mercadores egípcios, as lágrimas de Jacob e Raquel pelo filho que julgavam morto, etc., etc.. O guarda daquele lugar santo fornece de boa vontade água aos peregrinos, que ele tira por meio de um sarilho com uma longa corda e um balde de folha zincada. Também lá se vendem umas garrafinhas de água para trazer como recordação.

Mas a hora do almoço estava a aproximar-se e era necessário chegar ao Hotel RITZ em Jerusalém o mais depressa possível. Reentrámos no auto-carro e lá vamos por entre campos férteis, por BETHEL, CHILLON, RAMAH, para a cidade Santa. Não tardou muito que os 145 quilómetros que separam Nazaré de Jerusalém estivessem percorridos. Entrámos na cidade santa pelo lado norte, por entre casas modernas que lembravam o bairro dos Olivais Sul em Lisboa. Ao avistarmos a cidade antiga cercada de muralhas, com os monumentos admiráveis que recordam muitos séculos da história do Povo de Deus e da Paixão e morte do Salvador, entoamos dentro do auto carro o salmo: «Que alegria quando nos disseram, vamos para a casa do Senhor! Os nossos passos se detêm às tuas portas Jerusalém!»

P. MARQUES



POÇO DE JACOB

JANELA ABERTA

ERA DO MENINO JESUS

Manhã fria do dia 22 de Dezembro. O céu apresentava a cor de chumbo, prenúncio da neve que nas regiões do norte tomba em flocos nevados como pétalas de flores.

Era grande a animação nas ruas da Baixa repletas de transeuntes que caminhavam apressadamente como se pretendessem atingir a meta desejada — a felicidade que o Natal nos oferece com Jesus Menino nas palhas de uma pobre manjedoura, lugar húmido que Ele escolheu para nos revelar que são dignos do céu tanto os mendigos como os poderosos.

Compreendendo a lição, aglomerava-se uma multidão de criaturas de todas as classes sociais em frente do belo Presépio junto do templo de Santa Cruz.

Os braços estendidos do Menino atraíam as gentes que se extasiavam ante beleza inigualável do quadro que viam: Nossa Senhora amorosamente curvada sobre o Filho, na sua ternura de mãe; S. José, grave na consciência da sua responsabilidade de protector da infância de Jesus; os Reis-Magos em postura respeitosa, apresentando as suas dádivas ao Menino que era o mais poderoso dos reis e não desdenhava receber o calor confortável do bafo de dois animais.

A beleza das figuras; a compreensão da lição do Presépio e a fé que sentiam no íntimo da alma, dominavam os homens e as mulheres e deliciavam as crianças que atiravam aos pés de Jesus moedas que pontilhavam o chão.

Subitamente, um homem pobremente vestido, gritou, curvando-se para o passeio:

— Uma moeda!... Quem a deixou cair?!... São cinco escudos!... É sua? — perguntou à mulher mais próxima.

— Não!... — respondeu a mulher — Minha não é!...

— De quem é?!... — gritou novamente erguendo a mão, cujos dedos seguravam a moeda.

Todos olharam o braço bem erguido e todas disseram:

— Minha, não é!...

Ai! não é de ninguém?! — exclamou o homenzinho pobre, rude e mal arranjado — Então é do Menino!... — rematou, atirando os cinco escudos para dentro da gruta.

Todos acharam natural o seu gesto. Eu comovi-me. E olhei respeitosa e mal arranjado a quem não passou pela cabeça ficar com a moeda encontrada no chão na convicção que devia ser do Menino.

FRATERNIDADE

Num Café da Baixa os empregados são uns verdadeiros cavalheiros: solícitos, convictos, atenciosos.

Sabem ocupar o seu lugar. É costume, no Natal, trocar-se prendas como prova de amor fraternal. E é costume oferecer-se dádivas àqueles que nos servem durante o ano, em geral pequenas porque são muitos a quem devemos gratidão.

No dia 23 de Dezembro fui tomar um galão a esse Café, na tenção de oferecer 10\$00 a cada empregado. Era pouco, mas se todos fizessem o mesmo!...

Veio servir-me um jovem muito bem educado e de uma simplicidade extraordinária. E eu, também muito simplesmente, deus-lhe na mão os 10\$00.

— Pra que é o dinheiro? — perguntou, surpreendido.

— Para o senhor beber uma cerveja!... — respondi.

— Oh! muito obrigado!... — exclamou, agradecido, estendendo-me espontaneamente a mão que apertei com satisfação.

Com satisfação e com... grande consideração perante a sua afectuosa atitude que não era devida à insignificante oferta mas, à minha lembrança e à minha atenção, aquela atenção que nos aproxima como verdadeiros irmãos.

Maria Espiñal

O QUE VAI PELO MUNDO

★ Paz no Vietnam

O Papa Paulo VI manifestou tristeza por ainda se não ter conseguido a paz no Vietnam, depois de tantas esperanças de que a guerra viesse a terminar antes do Natal.

«Esperávamos que a paz no Extremo Oriente fosse a primeira conclusão positiva dos conflitos que têm afligido este século e uma prenda à Humanidade digna da Festa do Natal — disse Paulo VI. «Não é o ódio — terminou o Santo Padre —, nem a luta violenta, nem a arrogância egoísta, nem a estática prevalência da força, nem a ideologia do prestígio, nem a política do nacionalismo, mas tão somente o Amor que constitui a base de todos os meios de boa e verdadeira coexistência humana».

★ A heroína mata

NOVA IORQUE — De seis em seis horas, nos Estados Unidos, morre uma vítima da heroína — revela um relatório recentemente publicado pela Inspeção de Saúde.

Desde 15 de Outubro de 1971 a 15 de Outubro de 1972, morreram vítimas pela heroína, pelo menos, 1123 americanos. Em igual período de 70-71, o número de pessoas mortas por esta droga foi de 1059.

★ A América dos nossos dias!

DALLAS, 23 (R.) — A morte parece ter entrado de férias nesta cidade violenta do Texas onde mais de 120 pessoas são atingidas a tiro todos os meses.

Nos últimos três dias não se registou nenhuma morte por causas que não sejam naturais — velhice ou doença — e, segundo as autoridades, este período de tranquilidade constitui um «record» para Dallas.

Em condições «normais» uma média de 12 pessoas são diariamente vitimadas por morte violenta.

Dizem os pessimistas, que apesar disso a média do mês será idêntica à dos anteriores.

★ Os franceses «duram» menos que as francesas

PARIS — Os franceses morrem, em média, nove anos antes das mulheres porque bebem em excesso, fumam demasiado e guiam perigosamente, segundo estatísticas divulgadas nesta capital.

O Instituto Nacional de Saúde e de Pesquisas Médicas publicou um estudo demonstrando que os homens em França vivem habitualmente até à idade dos 67 anos, enquanto as companheiras com quem casaram atingem os 75 anos e meio.

★ Quanto mais dinheiro mais divórcios

WASHINGTON — O dinheiro não faz a felicidade pois quanto mais rico é um casal mais possibilidade tem de se divorciar — revelam as estatísticas do Gabinete de recenseamento americano publicadas ultimamente.

Segundo este estudo realizado em 1971, 71,7 por cento dos casais (idade do marido entre os 34 e os 54 anos) com um lucro anual inferior a 5.000 dólares (cerca de 133 contos) apenas se tinham casado uma vez. Esta percentagem eleva-se para 77,2 por cento entre os casais com um rendimento anual de 5.000 a 10.000 dólares (133 a 266 contos) e para 80,8 por cento que têm de 10 a 140.000 dólares.

★ O Papa avisa

CIDADE DO VATICANO — O Papa Paulo VI disse que os automobilistas têm perante Deus a responsabilidade de guiarem com mais cuidado.

«Trata-se, na realidade, de um grave problema moral» — disse o Santo Padre, numa audiência privada a membros do Automóvel Clube Italiano.

«Irmãos continuam a matar-se uns aos outros não só na guerra mas também nas estradas, onde desrespeitam as regras do trânsito. E o que que é mais triste e lamentável é o facto disso resultar de um desprezo ostensivo das leis, da arrogância, da imaturidade moral e psíquica e da desvalorização do bem inestimável que é a existência.»

Resposta sobre o

MONTE CARMELO

Um assinante do nosso jornal, escreve-nos a dizer que leu o cap. 18 do Livro dos Reis e que não encontrou lá referência ao aparecimento de Nossa Senhora a S. Simão Stock, e pergunta em que livro da Bíblia poderia encontrar o dito aparecimento. Isto a propósito do artigo «Seis Dias na Terra Santa», publicado no último número do nosso jornal. Embora se trate dum assinante anónimo que não conseguimos identificar pelas iniciais e sobrenome que subscrevem a carta, mas como sabemos qual a sua segunda intenção e insinuação, aí vai a resposta. — Segundo escritos históricos o referido aparecimento verificou-se no ano 1251 da era cristã. Ora o I Livro de Reis descreve acontecimentos verificados desde 972 anos antes de Cristo. Por outro lado o último livro da Bíblia (Apocalipse de S. João), foi escrito no fim do reinado de Domiciano, na ilha de Patmos en-

tre os anos 81 a 96 depois de Cristo, por conseguinte de forma alguma se poderia encontrar no livro dos Reis nem em qualquer outro livro da Bíblia o referido aparecimento. Mas note meu caro senhor que não é pelo facto de não vir na Bíblia que o acontecimento é menos verdadeiro e histórico. Pois há muitos acontecimentos históricos, verdadeiros e autênticos que não vêm narrados na Bíblia. Por exemplo a independência de Portugal, firmada na Conferência de Samora, não vem narrada na Bíblia e nem por isso é menos verdade que Portugal seja uma nação independente desde D. Afonso Henriques... A descoberta do Caminho marítimo para a Índia não vem na Bíblia e nem por isso é menos verdadeira essa gloriosa epopeia portuguesa. A existência de Lutero, Zuínglio, Calvino, Henrique VIII, etc. e a chamada Confissão de Augsburg, não vêm na Bíblia e nem por isso deixam de ser menos históricos. O nascimento do nosso caro consulente não vem narrado na Bíblia e nem por isso deixa de ser verdade ter nascido...

JUVENTUDE — 72

O NOSSO FUTURO É HOJE

LEMBRO-ME de ter assistido a uma discussão provocada por um homem que chegara à conclusão que Tempo e o Espaço são a mesma coisa. E, para prová-lo, pegou num chapéu e colocou-o na mesa, diante de si.

— Olhem — disse ele — eu desloco este chapéu para a direita. Decorre tempo enquanto faço isto. Ao mesmo tempo que o desloco deixo atrás dele um espaço vazio, que é no tempo o passado. E o espaço que está adiante e para o qual o chapéu se desloca é, portanto, o futuro.

Fica assim demonstrado que Tempo e Espaço, são a mesma coisa.

Houve uma breve pausa e logo outro continuou:

Mas, mesmo que não deslocasses o chapéu, o Tempo continuaria a passar e, embora possas fazer o chapéu recuar no espaço, não o poderás fazer recuar no tempo!

O Tempo-agora — cada instante que passa — é o futuro.

Apesar da discussão continuar, não prestei mais atenção pois ficou em mim uma ideia paralisante: AGORA É O FUTURO. E lembrei-me de um pensamento de Nizer, célebre escritor inglês, que dizia: «O que somos, é o dom que Deus nos dá. Aquilo em que nos tornamos é o dom que damos a Deus».

Eu, como toda a maioria dos jovens pensava que o futuro era uma espécie de paraíso distante onde se dissolveria a confusão e se resolveriam todas as dificuldades. Aceitando porém que o futuro é AGORA, descobri que poderiam ser elaboradas regras práticas para o modelar.

Acreditar que o futuro é AGORA força-me a olhar e estudar até ao limite das minhas possibilidades, para aperfeiçoar o meu futuro.

Também acho que ninguém deve olhar para trás, pensar nas sombras, nos males do passado porque fazer isso, é negar o milagre da terra diáriamente voltada para o Sol Nascente.

O HOJE tem mais alguma coisa de empolgante do que Ontem porque está diante de nós, é NOVO é AGORA.

O Tempo riscou o ontem e caminha connosco. Isto é uma coisa que o espírito pode aprender a reconhecer, caminhando para a frente, a cada passo inevitável das horas.

Se temos a certeza do HOJE porque é que não o utilizaremos da melhor maneira que nos for possível?

MARIA DA CONCEIÇÃO SILVA CALVETE

CASAMENTOS FRACASSADOS PORQUÊ?

Sobre este assunto, refere algures o conhecido educador Charbonneau:

★ Falta de preparação para o casamento.

Muitos jovens entram no casamento sem qualquer preparação, quer de ordem afectiva, porque não aprenderam a amar verdadeiramente, quer de ordem sexual porque não houve educação sexual em vista ao casamento, quer de ordem psicológica, pois ignoram tudo ou quase tudo, da psicologia real do outro sexo.

★ Falta de Amadurecimento

Uma segunda razão é a falta de amadurecimento. Eu penso que o amadurecimento, como decorre da própria raiz da palavra que se emprega ao mundo telúrico: o amadurecimento nas frutas, por exemplo, supõe o tempo. Nunca há amadurecimento sem haver uma evolução através do tempo.

Uma laranja, por exemplo, pode ter

todas as aparências de estar madura mas se for colhida antes do tempo, será azeda para sempre. É isso que acontece com o amor e com o casamento. Como vivemos no mundo da pressa, os jovens estão demasiado ansiosos por fazerem a experiência do mundo do amor, para mergulharem na experiência sexual à vontade, comprometendo-se numa altura em que ainda não existem condições razoáveis para assumirem conscientemente um tão grande compromisso. A consequência disso é que, alguns anos mais tarde, acordam, percebendo então que fizeram uma escolha errada e que as promessas vagas do amor meio poético não permitem assumir tudo o que a vida implica no amor de todos os dias, no amor realista de cada momento e não apenas de alguns entusiasmos apaixonados como no tempo do namoro, mas que tem de se manifestar através da dor, do sofrimento moral, da paciência, do constante esforço para melhor entender o outro e, particularmente, através do que é autêntico sinal do amor: o espírito de sacrifício.

Lutemos contra o « Alcoolismo — Morte »

(Continuado da pág. 1)

genas que também constituem segundo estatísticas, os dois maiores factores de mortalidade entre os portugueses.

Portanto só temos um caminho a seguir: combater por todos os meios ao nosso alcance, começando pela educação e informação até à profilaxia do alcoolismo.

MARIA ALICE ABREU FIGUEIREDO MEDEIROS



A VIDA...

Moro
à beira da estrada.
Logo de manhã
Sinto que a vida
Começa...
numa debandada...

Carros,
motorizadas,
bicicletas...
gente a pé...

Mais um dia
que desponta!
E eu pergunto.
— Como vai ser
este dia?
De trabalho
De alegrias e tristezas.
De aventuras,
De sonhos...
Mais uma arrancada...
...E para muitos...
o fim duma jornada!

X.



LUZ AGESA!

É noite escura...
Nem uma folha bole... ninguém!
Que paz, que silêncio, que amargura
vai por esse mundo além.

Mas ao longe... na escuridão
Brilha uma luz cintilante
Será um doente...? Um sábio...?
Talvez seja um estudante!?

Em frente daquela luz
Move-se não sei o quê
Que me leva a atenção
Mas... porquê,
Aquele luz na escuridão???

Mais tarde a luz morreu
A aldeia ficou calma
Mas essa luz não morreu
Cá dentro da minha alma.

Assim fiquei com o olhar distante
Nessa noite fresca e pura
A pensar na luz brilhante
Que agora era escura.

SÃO



DOIS DEDOS DE CAVACO...

— Bom dia, senhor Torcato!...
como vai essa saúde?

— Olá, João!... Então a que devo
esta tua visita?... Eu cá vou indo,
graças a Deus.

— Venho dar-lhe as Boas-Festas
e desejar-lhe um Natal muito feliz.
Cheguei ontem da Alemanha e não
queria deixar de o vir cumprimentar,
porque o senhor Torcato ainda
é das pessoas mais respeitáveis cá do sítio.

— Olha, rapaz, agradeço-te muito
esse teu gesto de amizade, e, já
agora, quero manifestar-te a minha
tristeza por ver que o Natal, para
muitos, é um dia como outro qual-
quer.

Ainda ontem estive a ouvir o rá-
dio e por acaso, quando liguei o
aparelho, estavam a colher entre-
vistas sobre o natal. Fiquei admi-
rado com as respostas. E ainda há
quem diga que estamos num país
cristão!...

— Então não estamos?

— Eu sei lá, João. Em todas as
respostas que ouvi, não descobri uma
única em que se revelasse o sentido
cristão das festas de Natal. Uns di-
ziam que o Natal era um dia de
família, outros que era um dia como
outro qualquer, outros que era para

eles um dia de trabalho, outros que
era um dia de pândega, outros que
se lembravam dos bolos e das pre-
ndas que recebiam quando eram
crianças, outros que, quando eram
pequenos que iam à missa do galo
e vinham para casa espreitar no bor-
ralho a ver se viam vir o Menino
Jesus pôr as prendas no sapato,
edcetra, edcetra. Está a ver?... Que
tristeza!... Para muitos o natal é um
dia de borracheira, de ociosidade,
talvez de pecado e mais nada. Agora
que tu me vens visitar, sempre que-
ria saber o que pensas tu do Natal.

— Olhe, senhor Torcato, para
mim que tive a feliz sorte de nas-
cer numa família cristã, o Natal foi
sempre uma grande festa. É por
isso que escolho sempre esta quadra
do ano para vir à terra e viver as
minhas recordações de infância.
ainda lhe digo que nunca faltei à
missa neste dia. E, já agora que o
senhor Torcato me pergunta o que
é para mim o Natal, vou-lhe dizer
com toda a franqueza:

Para mim, o Natal é o aniversário
do Nascimento de Cristo. É o en-
contro de Deus com a Humanidade
para a salvar.

É o dia em que me sinto mais
irmão de Cristo e de todos os meus



EMIGRANTES

Semana Nacional de Migrações

7-14 DE JANEIRO

Nas nossas paróquias celebrou-se este grande acontecimento, a pensar nos emigrantes e nos seus problemas.

Reflectiu-se e rezou-se por vós, queridos emigrantes.

Um tema principal foi enca-
rado: «a emigração em família».

Tal como os responsáveis prin-
cipais da Igreja em Portugal somos
pela emigração familiar. João XXIII afirmava que a se-
paração forçada dos membros da
família pode levar ao enfraque-
cimento dos sentimentos e das
relações familiares, tornando-se
prejudicial para a unidade do lar
doméstico».

Não tenhamos medo que as
famílias portuguesas fujam de
Portugal! Onde quer que se en-
contrem «estão com o coração
em Portugal e têm Portugal no
coração».

A família unida é a salvaguarda
moral dos respectivos membros
e da coesão do agregado fami-
liar.

Por isso, unida fisicamente ou,
quando circunstâncias o impe-
çam (unida moralmente) que
cada família de emigrantes seja
modelo de coesão, fidelidade e
amor mútuo entre todos os seus
membros.

semelhantes. É o dia da paz que os
anjos cantaram e que muitos ho-
mens ainda não aceitaram. É tam-
bém o dia da família, em que todos
unidos devemos confraternizar a
alegria que nos traz este dia. Nunca
esqueço o presépio que põe diante
dos meus olhos o cenário do nasci-
mento de Cristo e aproveito para
fazer também a minha confissão e
receber o Cristo do presépio na
missa onde Ele todos os dias renova
o Seu mistério salvador.

— Muito bem, meu bom rapaz,
até que enfim ouvi um testemunho
cristão do Natal. Também para
mim é assim o Natal. Que tristeza
e que vergonha ouvirem-se numa
emissora nacional, num dia de tão
grande festa, testemunhos tão nega-
tivos do Natal. Isto só nos diz que
ainda há muito paganismo por aí
fora, ou muita ignorância que nada
nos honra como povo que tradiciona-
lmente se diz «fidelíssimo» e «cristi-
aníssimo»!...

— Tem razão, senhor Torcato.
Agora vou até junto dos meus.

— Adeus, meu caro João.